

P O N É T I C A
H I S T Ó R I C A
D O L A T I M

A
ALIANÇA LIBERAL ACADÊMICA
colabora com os alunos da
FACULDADE FLUMINENSE DE FILOSOFIA

1960

Auto:

Prof. Ismael Coutinho

O INDO-EUROPEU E AS LÍNGUAS INDO-EUROPEÍAS

Podemos conceituar o indo-europeu como um antigo idioma, do qual derivam as mais importantes línguas faladas da Europa e da Ásia, por isto mesmo chamadas indo-européias.

O indo-europeu, como idioma propriamente dito, não mais existe hoje. O que resta é um sistema de correspondências entre as línguas indo-européias, correspondências essas que nos sugerem a préexistência de uma unidade comum que se convencionou chamar indo-europeu.

Este antigo povo, não conhecendo a arte de escrever, não nos deixou documentos com os quais pudéssemos conhecer o seu modo de vida. O pouco que d'êle sabemos é produto de reconstituições.

O indo-europeu não é uma língua primitiva, como inicialmente se julgou; foi êle precedido por um desenvolvimento que, não só o preparou, mas também o prolongou até nossos dias, nas línguas que o continuaram.

Dai, segundo Vendryes, decorrem duas ordens de consequências: 1ª) que pode haver outras unidades linguísticas que se prendam ao indo-europeu na mesma relação que há hoje entre as línguas romanas; 2ª) que podem ter existido línguas indo-européias que se tenham desenvolvido tendo tido, portanto, um desenvolvimento autônomo e independente.

Neste mesmo indo-europeu comum, anterior à constituição dos grandes grupos das línguas que o continuaram, já se manifestavam tendências dialetais.

Quanto ao primitivo "habitat" do povo indo-europeu, desconhecemo-lo, bem como a data da sua dispersão (diáspora). Supõe-se que esta tenha se dado há três milênios.

Para concluir-se qual o primitivo local habitado por este antigo povo, são apontadas três hipóteses:

1ª) Ásia - acham os linguistas que, sendo a Ásia o mais antigo dos continentes e, também, o berço das mais antigas civilizações, deveria ter sido ali que primitivamente habitou o indo-europeu. Consideram alguns apologistas desta tese (asiática) que o local exato do "habitat" indo-europeu foi o Planalto de Pamir, na Ásia Central.

Posteriormente, porém, verificou-se que aquêle planalto não possui vestígios de ter sido habitado. Ainda na Ásia, apontam a Sibéria como possível local do "habitat" primitivo.

2ª) Europa - este é o local apontado por alguns linguistas como tendo sido o primeiro "habitat" do indo-europeu. A opinião dos que apontam a Europa se baseia no fato de que a maior parte dos povos
RtC/.

descendentes do indo-europeu ainda hoje ali se encontra. Dentro desta hipótese, apontam-nos três locais: a Europa Central, o norte da Europa (onde se encontra o ariano: olhos azuis e cabelos louros) e o sul da Rússia (ao norte do mar Negro e do mar Cáspio). Esta, sem dúvida, é a hipótese mais provável.

3ª) Eurásia - seria uma extensa faixa, indo da França até o planalto irânica, na Pérsia, atravessando a Europa Central (sul da Alemanha). Hipótese abandonada.

As línguas indo-europeias estão divididas em dois grandes grupos: Asiático e Europeu.

Ao ramo asiático pertencem as línguas da Ásia: a) Indo-irânico; b) Armênio; c) Hitita; d) Tocariano.

O Indo-irânico subdivide-se em dois grupos: I - o Indico - onde ficam situadas as línguas da Índia, cujas principais são o védico, o sânscrito e o pácrito; II - o Irânico - reunindo as línguas faladas na Pérsia (Irã) e que são o Velho persa, o avéstico e o parsi.

Do ramo europeu fazem parte: a) Grego; b) Ítalo-céltico; c) Germânico; d) Balto-eslavo; e) Albanês.

O grego nunca teve unidade linguística; possuía vários dialetos: jônico, dórico, eólico, ático, etc.

O ítalo-céltico subdivide-se em dois ramos: italico (osco, umbro, latim, etc.) e o céltico (bretão, galês, escocês, irlandês, manquês, etc.).

No germânico encontramos: I - dialetos nórdicos (sueco, norueguês, islandês, dinamarquês); II - dialetos meridionais (alemão, frisão, anglo-saxão).

No balto-eslavo temos: I - bálticos (lituânico, letão, prussiano); II - eslavos (russo, polonês, polábico).

Para chegar-se à conclusão do parentesco entre estas línguas, foram feitas comparações não só pela morfologia, mas também pelo vocabulário, principalmente em nomes de família, vocábulos que em geral apresentam maior proximidade entre as línguas. Assim, tomavam, por exemplo, a palavra pai: pater (latim), pater (grego), father (inglês), pitar (sânscrito), etc.

Quando os linguistas desejam saber se certa palavra existiu no indo-europeu, procuram-na nas áreas extremas. Se a encontram aí é porque pertenceu ao indo-europeu, ainda que tenha desaparecido em outras línguas.

Quanto ao modo de vida dêste antigo povo, sabe-se:

- a) que o regime familiar era o patriarcal e que na sua crença religiosa divinizavam o céu luminoso;
- b) que conheciam a agricultura e certos vegetais: bétula, o salgueiro, a faia, o carvalho;
- c) que conheciam o cobre e o bronze, não conhecendo, porém, os outros metais;
- d) que conheciam animais selvagens - serpente, lobo, urso - e animais domésticos como o cavalo, o cão, o boi e a cabra;
- e) Conheciam insetos como a mosca, a abelha e a vespa;
- f) que êste povo vivia em clima frio, não só por conhecer a neve, mas também porque os vegetais conhecidos só se desenvolvem em regiões frias.

De acôrdo com o modo de ser pronunciada a gutural surda C, as línguas indo-européias se dividem:

- a) Línguas satem - o C tinha o som de ss: indo-irânico, armênio, albanês e balto-eslavo;
- b) Línguas centum - o C tinha o som de K: hitita, tocariano, grego, italo-céltico e germano.

As línguas centum são as conservadoras, isto é, ao se deslocarem não levaram alteração. As que sofreram alteração (C = ssê) tiveram-na após a saída do núcleo, isto é, após a diáspora.

A passiva em R do latim e do céltico é também encontrada no indo-europeu, embora não seja igual nas outras línguas.

O C (kê) é conservado no sardo, o que não acontece com o espanhol e o português. O sardo guarda, também, o valor ditongal ae o que nos leva a crer que o sardo é a mais antiga língua românica.

As línguas indo-européias constituem uma das mais importantes famílias linguísticas do mundo moderno, pelo elevado grau de civilização a que atingiram os principais povos cujas línguas se originaram do indo-europeu.

PANORAMA LINGUÍSTICO DA ANTIGA ITÁLIA, O LÁCIO

Havia, no tempo dos romanos, numerosas línguas faladas nas regiões e cidades da Itália, tais como: osco, umbro, sabélicos, latim, etc. A maioria delas não nos deixou documentos que possam dar idéia do que tenham sido. Algumas, no entanto, por epígrafes ou por curtas referências de autores antigos, chegaram até nós. Destas ocupar-nos-emos aqui, estabelecendo assim como que um panorama linguístico da Itália romana.

São estas línguas quase tôdas pertencentes ao grupo dos dialetos itálicos que fazem parte do ramo europeu da primitiva unidade indo-européia.

Sabemos que Roma, como cidade propriamente dita, foi fundada pelos etruscos, assim como foram estes povos seus primeiros civilizadores.

Os etruscos, de origem asiática, quando expulsos do domínio egeu, pela invasão dos dórios, vieram para a Itália, estabelecendo-se nas costas do Mar Tirreno. Conquistaram primeiramente o território que se chamou Etrúria, depois o da Umbria e, galgando os Apeninos, ocuparam as costas do Mar Adriático e o norte do vale do Pó. Logo se apoderaram do Lácio e da Campânia, ao sul, ficando imenso o seu domínio, já no fim do século XII a.C.

Não durou muito, porém, o poderio etrusco; eis que, no final do VI século perdem o Lácio, a Campânia e o vale do Pó, tomado pelos gauleses. A Etrúria e a Umbria ficaram em poder dos romanos. Assim, nos princípios do século II a. C. encerra-se o capítulo do movimento nacional dos etruscos.

O brilhantismo da aprimorada civilização etrusca deveria subsistir preponderantemente mesmo nos povos vencedores; no entanto, os etruscos, tendo recebido os influxos diretos da civilização grega, não passaram de intermediários e propagadores da arte helênica na Itália.

Assim, recebendo dos gregos o alfabeto os etruscos o transmitiram aos romanos. Deve-se dizer que os gregos herdaram o alfabeto do povo fenício o qual, por sua vez, o recebeu dos egípcios.

A influência etrusca na língua dos romanos foi, porém, quase nula; as palavras que o latim recebeu dêste povo são, em maioria, pertencentes à toponímia e, em proporções menores, à antroponímia.

Gregos - devido à civilização incomparavelmente superior às de todos os outros povos que já se achavam instalados na Itália, foram os gregos os maiores irradiadores de arte e cultura por toda a península itálica. A influência grega, sendo já imensa, se fez sentir ain

da mais com a queda do poderio etrusco. Estabelecidos na Campânia, os gregos constituíram uma grande força na luta contra os Tarquínios e na sua expulsão do Lácio.

Desde os meados do século IV, o helenismo, que há tanto fora introduzido em Roma, iria conhecer um prestígio e uma difusão tão grandes que chegariam quase a comprometer o futuro do latim como língua de Roma.

Foram, portanto, os etruscos e os gregos os povos cujas línguas serviram à comunicação do pensamento entre os civilizadores dos romanos.

Todos os dialetos falados na península itálica, uns mais, outros menos, influíram no Latim; os gregos, porém, devido a grande importância de sua cultura, tiveram maior influência.

Vejamos os demais dialetos falados na Itália românica, tomando por base o critério geográfico, isto é, partindo do norte para o sul:

Vêneto - falado ao N.E. da Itália, no antigo território da Venécia. Dêste dialeto foram encontradas numerosas inscrições que, em virtude do local em que se encontravam, supõe-se terem sido escritas em Venética.

As opiniões dos que se dedicaram ao estudo dêste dialeto não coincidem: alguns julgam tratar-se apenas de vestígios deixados por um povo da Ilíria; a língua, no entanto, acusa semelhanças com outros dialetos itálicos mais conhecidos, o que nos leva a crer que o vênето seja uma língua itálica, com fortes influxos de elementos estranhos, já que a posição geográfica dêste povo permitia o constante contato com diversas populações de então.

Gaulês - língua da Gália, situada a oeste e sudoeste de Venécia, pertence ao grupo céltico da primitiva unidade indo-europeia.

O território gaulês compreendia a Gália Cisalpina e a Gália Togata.

O latim herdou dos gauleses numerosas palavras que lhe enriqueceram o léxico, principalmente as referentes aos meios de transportes, como "rêda", "carrus", êste sobretudo teve grande fortuna nas línguas modernas.

Também na declinação, na conjugação e mesmo na fonética, a identidade do gaulês e do latim se prende à unidade italo-céltica do indo-europeu.

Lígure - língua dos habitantes da Ligúria, região situada

a NW da Itália, cujos habitantes eram conhecidos pela sua dureza de vida. Viviam entregues ao trabalho do campo e a pecuária, motivo, talvez, da pouca influência sobre o latim.

Sabélicos - cujos dialetos e povos são os seguintes: hérnicos, equos, sabinos, marsios, marrucinos, picentinos, pelignios, volscos, etc. - Dêstes, os que mais influíram no latim foram os sabinos.

Oscó - língua essencialmente dos Samnitas, era falado, com pequenas diferenças regionais, no "Samnium", no "Bruttium", na "Campania" e, ainda, em parte da Lucânia e da Sicília norte oriental. É uma língua de tendências arcaizantes e dela temos conhecimento, principalmente, por duzentas e tantas inscrições, dentre as quais a mais importante é a "Tabula Bantina", assim chamada por ter sido encontrada em Bântia, cidade da Apúlia. Destas inscrições, muitas contem apenas nomes próprios e outras se constituem de glosas, comédias populares, como as "Atelanas", que apareceram em Atela, na Campânia.

Podemos citar, também, a "Cippus Abellanus", espécie de tratado de paz entre as cidades de Abela e Nola. Estas inscrições parecem datar do ano 290 a.C.

Umbro - falado não muito ao norte do Lácio, nas vertentes do Adriático. Os umbros eram os povos mais antigos da Itália, segundo Plínio. Parecem datar do ano 1193 a.C.

Ao contrário do oscó, o umbro é uma língua já evoluida, contando, além de algumas inscrições, cartas e moedas, com uma longa epígrafe cuidadosamente grafada em sete tábuas de bronze, conhecidas por "Tabulae Iguvinae" (Tábuas Iguvinas). Aí acha-se gravada o ritual dos chamados "fratres Atiedii", colégio sacerdotal de Igúvio, hoje Gúbio.

Há uma particularidade curiosa nesta epígrafe e esta é que as Tábuas de I a Va, e as sete primeiras linhas da Vb, são escritas na grafia umbra, enquanto que as demais seguem a grafia latina. Daí ser denominada a língua das primeiras de paleo-umbro e a das segundas de neo-umbro.

LATIM - foi a princípio a língua de Roma e dos povos que habitavam o Lácio, tornando-se depois a língua de todo o Império Romano. É uma língua indo-européia, do ramo europeu, e pertencente ao grupo itálico.

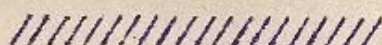
O Lácio era limitado ao norte pelo rio Tibre, ao nordeste pelo curso inferior do Anio, a leste pela cadeia dos Apeninos, ao sul pelo país montanhoso dos volscos e a oeste pelo Mar Mediterrâneo, desde o promontório de Circios até a foz do Tibre.

O Lácio compreendia, além de Roma, as cidades de Preneste, Alba Longa, Faléris, Túsculo e Lanúvio. Estas cidades não possuíam propriamente um dialeto e, quando queriam expressar-se bem, usavam o latim de Roma.

Dentre os dialetos itálicos foi o latim que desempenhou papel histórico mais importante, não só por ser a língua de Roma, mas também pela situação privilegiada desta cidade, já que foi fundada às margens do Tibre que lhe facilitava o comércio com o interior, e próxima ao mar que lhe permitia o intercâmbio com o exterior. Roma era, além disto, ponto de convergência da estrada que ligava o norte ao sul, isto é, a Gália Cisalpina e Etrúria à Magna Grécia.

Após vicissitudes várias, o latim se impôs aos outros dialetos da Itália e se espalhou, com as conquistas, pelas ilhas adjacentes (Córsega, Sicília, Sardenha), pelo norte da África, pela Ibéria, pela Gália, pela Bretanha, pela Espanha e, mais tarde, pela Récia e Dácia.

Embora em algumas destas regiões o latim não tenha sobrevivido, em outras, porém, principalmente no Ocidente, transformou-se em línguas novas que, embora sendo latim, sofreram as alterações impostas pelo tempo e pelas circunstâncias locais. São estas as línguas românicas, cujas principais são: português, espanhol, italiano, francês, provençal, catalão, romeno, reto-romeno, sardo e dalmático.



OS DIALETOS ITÁLICOS: OSCO, UMBRO, SABÉLICOS

Os linguistas, ao fazerem o estudo das línguas indo-europeias, encontraram tantas particularidades comuns entre as línguas itálicas (osco, umbro, latim, etc) e as línguas celtas (bretão, gaulês, irlandês, etc) que admitiram a existência de uma unidade italo-céltica, -subsequente ao indo-europeu mas pré-existente ao itálico e ao céltico.

Da mesma forma, os especialistas consideram provável, e evidente mesmo, dadas essas particularidades comuns, a existência de uma unidade itálica. A esta conclusão chegaram comparando os textos epigráficos dos dialetos itálicos, de cuja comparação com o latim transparece a sua origem comum.

Os principais dialetos itálicos são o latim, o osco, o umbro e os sabélicos (Considerações sobre cada um às páginas 5 e 6).

Apesar de serem os dados das Tábuas Iguvinas bastante res-
tritos, permitiram-nos, entretanto, fazer-se o esquema geral das declina-
ções e, embora mais imperfeitamente, o das conjugações do osco-umbro.
RtC/.

Conquanto estas duas línguas apresentem diferenças, sobretudo pelo fato já mencionado de ser a primeira de tendências arcaizantes e a segunda de tendências inovadoras, formam elas um grupo à parte, em contraposição com o latim.

Justamente deste sistema de correspondências entre estes grupos e a língua de Roma é que se estabeleceu a hipótese da existência do itálico, pois, conforme diz Meillet, "é manifesto o estreito parentesco do osco-umbro e do latim" (Esquisse, pg. 53).

Principais correspondências comuns dos dois grupos:

a) Na pronúncia - o ō (longo) e o ē (longo) eram no latim pronunciados fechados e representados respectivamente por u e por i o que nos prova a epigrafia latina. No osco-umbro estas vogais tiveram tratamento idêntico e parece que geralmente representadas tal como no latim, isto é, por u e por i;

b) Quanto às consoantes, dois fatos característicos não se pode deixar de assinalar:

I - A nasal final em quasi tôdas as línguas indo-europeias assume a forma n; já no osco-umbro e no latim sempre aparece na forma ni;

II - A queda das consoantes finais, em geral, é uma tendência que se manifesta nos dois grupos, o que no osco-umbro chega às vezes a fazer desaparecer tôda a sílaba final da palavra.

c) Na flexão nominal - o ablativo nos dois grupos apresenta identidade de formas e paralela evolução. No singular, o emprêgo do instrumental em função de ablativo; no plural a extensão da mesma forma ao dativo e locativo, cujas desinências são as mesmas em ambos os grupos.

Quanto à declinação dos demonstrativos, notamos a presença do anafórico ia e de três outros pronomes para as três pessoas gramaticais: hic, iste, ille. - Este sistema do latim nós o encontramos no osco-umbro.

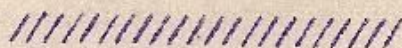
Também o emprêgo da enclítica -ce é uma peculiaridade do osco-umbro e do latim, onde em ambas há a junção da partícula ce como elemento de reforço aos demonstrativos.

d) Na flexão verbal - Há uma característica de ordem geral que só nas línguas itálicas é comum, e que consiste na existência de dois temas: o do infectum e o do perfectum, cada um possuindo um presente, um pretérito e um futuro.

Muito significativo é, também, o paralelismo entre o imperativo depoente e o adjetivo verbal em -ndus, que só aparecem nas línguas itálicas.

e) Na sintaxe - o osco-umbro e o latim são idênticos em suas linhas gerais, o que se nota até nos processos estilísticos, como encontramos a "Cippus Abellanus", toda escrita em estilo indireto.

Por isto diz-nos Meillet: "Tudo concorda, pois, para estabelecer uma unidade itálica!" Houve, durante algum tempo, uma nação cuja história é desconhecida, mas que se pode chamar a nação itálica e cuja língua forneceu, de um lado o latim, do outro o osco-umbro.



O LATIM: LÍNGUA DE ROMA E DO LÁCIO, SUA EXPANSÃO NO IMPÉRIO. AS LÍNGUAS ROMANAS.

O latim era a língua do "Antiquum Latium", região limitada ao norte pelo Tibre, a nordeste pelo curso inferior do Anio, a leste pela cadeia dos Apeninos, ao sul pelo país montanhoso dos Volscos e a oeste pelo Mar Mediterrâneo, desde o promontório de Circios até a foz do Tibre.

No Lácio estavam compreendidas, além de Roma, as cidades de Alba Longa, Preneste, Falérios, Túsculo e Lanúvio. Estas cidades não possuíam propriamente um dialeto e quando queriam expressar-se bem, usavam o latim de Roma.

Como já foi dito anteriormente, dentre estes dialetos foi o latim que desempenhou papel histórico mais importante, não só por ser a língua de Roma, mas pela privilegiada situação geográfica desta cidade.

O desenvolvimento e a expansão do latim estão intimamente ligados à história política e social do povo romano: "a história política de Roma e a história da civilização romana explicam a história da língua" (Meillet).

Roma foi, a princípio, uma colônia fundada por pastores oriundos dos montes Albanos, e instalada na parte ocidental do monte Palatino, no cume do Germal. Outras aldeias foram criadas nas suas proximidades. Todas eram colônias latinas, havendo, porém, uma de origem sabina, que só depois da conquista etrusca se fundiu com as precedentes.

Do X ao VIII séculos a. C., viveram todas estas aldeias - como independentes e autônomas. Em princípios do VII século a. C., porém, excetuando-se a colônia sabina, reunem-se numa federação (Septimontium), procurando, em vão, resistir aos etruscos que, vindos provavelmente do Oriente, empreendiam a conquista sistemática da Itália.

Com a conquista etrusca, terminou o primeiro período da história romana, período obscuro mas de vida independente.

Os etruscos, primeiros educadores e fundadores de Roma como cidade propriamente dita, enfraquecem-se e Roma parte para a sua independência. Passa então por uma crise tremenda, devendo lutar por mais de cem anos, com numerosos inimigos, lutas em que, por mais de uma vez, esteve comprometido o seu brilhante futuro.

Até 400 a.C. contava Roma apenas com a anexação de pequenas povoações. Em 326 a.C. dá início às guerras contra os Sannitas que vão terminar com a criação da colônia de Venusia.

De luta em luta, chegaram os romanos à ocupação de Tarento, estendendo assim seu domínio ao sul da Península.

Inicia-se daí o período das conquistas externas: Cartago, Gauleses, países Balcânicos, norte da África, Península Ibérica, etc.

IMPLANTAÇÃO DO LATIM

É necessário saber-se que nem sempre a adoção da língua dos vencedores correu "pari passu" com a vitória militar. Dêste modo, a unidade latina é uma expressão que não tem o mesmo sentido linguístico e político-social.

Com o fim das guerras contra Pirro, tornava-se o latim a língua oficial de toda a península itálica, em 272 a.C. Apenas o osco e o umbro eram ainda falados em várias regiões, até o primeiro século da era cristã.

Estendendo seus domínios, Roma também ia levando às terras conquistadas a sua língua, o latim. Dêste modo, conseguiu implantar seu idioma em várias regiões.

Com o esfacelamento do Império Romano, o latim, que era falado em seu vasto território, passou a desenvolver-se independentemente em cada região. Sem o poder centralizador de Roma veio a desaparecer principalmente no Oriente. Todavia, no Ocidente, transformou-se em outras línguas novas que, sendo dêste modo o próprio latim continuado com as alterações impostas pelo tempo e pelas circunstâncias locais, são: o português, o espanhol, o italiano, o francês, o provençal, o catalão, o romeno, o reto-romeno, o sardo e o dalmático.

Rtc/.

////////////////////

O ALFABETO LATINO: ORIGEM E CONSTITUIÇÃO. CARACTÉRES POSTERIORMENTE CRIADOS. PRONÚNCIA

O alfabeto latino, pela sua origem, vai prender-se a um dos alfabetos gregos de tipo ocidental, provavelmente o calcídico de Cumas, de onde provêm os alfabetos das inscrições venéticas, das inscrições sabelicas e o antigo alfabeto etrusco de 26 letras.

É deste antigo alfabeto etrusco que se admite hoje a origem do alfabeto latino. Realmente, passando Roma, desde o séc. VIII ou VII a.C. para o domínio etrusco, e, de então até a expulsão dos Tarquinios, recebendo da Etrúria toda a sua civilização, inclusive o sistema de numeração, é natural que tenham os romanos aprendido com os etruscos a arte de escrever que, segundo os documentos epigráficos mais antigos, deve ter sido introduzida em Roma no decorrer do VII ou mais tardar princípios do VI século a.C.

A descoberta do alfabeto etrusco de "Marulliana" trouxe um argumento decisivo à teoria do intermediário etrusco na adoção do alfabeto em Roma.

O alfabeto latino no período clássico contava propriamente vinte e uma letras, a saber:

A B C D E F G H I K L M N O P Q R S T V X

Pode-se dizer que, até aproximadamente o ano de 200 a.C., não conheciam os romanos outras letras além destas.

Na época de Augusto foram incorporadas, pela sempre crescente influência do helenismo em Roma, ao alfabeto latino os caracteres χ e ψ . Porém, estas letras somente eram empregadas na transcrição de palavras gregas.

Primitivamente, também, não existia o som \underline{g} que era representado pelo \underline{q} que funcionava então como \underline{g} e como \underline{c} . Isto explica as abreviaturas \underline{G} . e \underline{Gn} ., representando no latim clássico e imperial, respectivamente, "Gaius" e "Gnaeus".

Posteriormente, porém, criou-se a letra \underline{g} , inovação esta que Plutarco atribuiu a Espúrio Carvílio Roga, por volta de 293 a.C. ; mas, ao que parece, deve-se ao censor Ápio Cláudio a introdução da letra \underline{g} no alfabeto latino.

Não havia letras diferentes para indicar as vogais breves e longas. Para remediar esta falha do alfabeto propôs o poeta Ácio (nascido em 170 a.C.), seguindo o uso osco e umbro, que se indicassem as longas \underline{a} , \underline{e} , \underline{o} , \underline{u} , pelo emprêgo das vogais simples duplicadas. Exemp-
Rtc/.

Exemplos: "seedes", "paacem". E, também, que o i longo fosse representado pelo ditongo ei: "audeire".

A par destes expedientes, usou-se, também, representar a vogal longa com um apéx ('): "confécit".

O i e o y tinham duplo valor: de vogal e semi-vogal. Es viam iam e não jam; uos e não vos.

Propôs o imperador Cláudio que se fizesse uma reforma ortográfica, que se representasse a semi-vogal y pelo digama invertido ($\overline{\text{y}}$) e o som latino que oscilava entre o i e o y pelo sinal ($\overline{\text{y}}$) na, como o caso de "manifestus e manifestus".

A consonantização, porém, do i em j e do y em v, aparece assim caracterizada somente no século XVI, por Pierre de La Ramée, donde a sua denominação de "letras ramistas". Ora, nesta época o latim já havia desaparecido, razão porque os romanos jamais tiveram conhecimento desta dualidade de escrita.

Com a adoção dos caracteres y e v, passou o latim, no período clássico, a contar com 23 letras em seu alfabeto:

ABC, DEF, GHI, KL, MNO, PQR, STV, XYZ

Tais letras tinham os seguintes nomes: a, be, ce (que), de, e, ef, g (guê), ha (h_s aspirado), i, ka, el, em, en, o, pe, qu, er, es, te, u, ix, hy ou i graeca, zeta.

Primitivamente os latinos, tal como os etruscos, utilizavam três sinais para representar a oclusiva velar surda: G, K e Q. Obedeciam ao seguinte critério fonético: o G era usado antes das pré-palatais E e I (leciones, centum, citra); o K antes de A e consoantes (sakros, kaput, kapta); o Q antes de O e, principalmente, antes de U (qones, qura, quoi). Também na combinação qu (quie), usada na época clássica antes de vogal, usava-se o Q (quero, quid).

Com o correr do tempo, porém, o G vai ganhando terreno em prejuízo do K e do Q, ficando:

k - nas abreviaturas: k. = kaeso; kal. = kalendas, etc.

qu - em palavras como: quie, qualis, quot, etc.

PRONÚNCIA

F - foi e princípio uma bi-labial, o que é provado por grafias arcaicas. Cedo, porém, passou a lábio dental. É preciso observar que o latim não possuía o F medial.

G - mantinha sempre o som de oclusiva velar, antes de qualquer vogal.

H - foi a princípio aspirado. Os gramáticos latinos não o

consideravam uma letra, mas uma "nota aspirationes". Essa aspiração foi desaparecendo mesmo antes dos primeiros documentos literários até desaparecer de uma vez. A prova disto é que a presença do H não impedia, nem o rotacismo nem a contração das vogais, como "diribeo" (disthibeo); nemo (ne+homo).

Na época clássica, porém, a aspiração foi restabelecida, servindo, inclusive, para distinguir as classes cultas, já que estas procuravam o exagêro da aspiração do H.

A partir de pouco mais ou menos 200 a.C., passaram os romanos a adotar o PH, o CH e o TH, isto é, as oclusivas surdas P, T, C, seguidas do sinal de aspiração H, na transcrição de palavras gregas em que entravam aquelas aspiradas: "philkrum", "thesaurus" "chorus", etc.

A introdução do H aspirado tornou-se moda, a tal ponto que, palavras latinas foram vestidas à grega: "sepulchrum", "centurio" etc.

L - o l tinha dois valores em latim: velar, em final de sílaba ou palavra, antes de a, o, u e de outra consoante que não fosse L; palatal, no início de sílaba ou de palavra, antes de i ou outro L.

Esta dupla pronúncia refletia-se no tratamento da vogal anterior, o que explica as formas: volo, volebam, volumus, volam velim e vellem.

M - o m final era debilmente pronunciado. Nas inscrições antigas vem quase sempre omitido.

N - o n quando vinha seguido de g na mesma palavra era debilmente pronunciado, chegando quase sempre a omitir-se, o que explica a abreviatura cos. de consul.

S - era surdo, mesmo entre vogais.

Z - era pronunciado como dz.

Y - tinha o som de y francês.

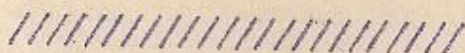
X - era pronunciado em qualquer posição como cs: nexus, (necsus).

Nos ditongos ouvia-se distintamente os dois elementos:
ae - C-a-e-s-a-r.

O i e o y eram pronunciados como semi vogais portuguesas. As vogais breves eram pronunciadas mais abertas que as longas correspondentes.

Como os latinos não possuíam outras aspiradas em latim, tomaram os caracteres: teta (θ) que passou a representar o numeral Rtc/.

numeral 100, mais tarde sendo substituído pelo C inicial de centum; o fi (ϕ) o numeral mil (1000), depois substituído por M, inicial de mil; a metade do fi, depois identificada ao D, conservou-se como sinal de 500. Finalmente, o psi foi usado para representar o numeral 50, sendo depois identificado ao L.



OS FONEMAS LATINOS E SUA CLASSIFICAÇÃO. VOGAIS E CONSOANTES. AS GUTURAIS C, K, G - O F e o L.

O som resulta de certos movimentos vibratórios do ar. Na linguagem, estes movimentos vibratórios são produzidos pelo aparelho fonador do homem e tomam o nome de fonemas. Fonema é, pois, qualquer som da voz humana que entra na constituição do vocábulo. Este é o conceito tradicional de fonema.

O aparelho fonador consta de:

- a) bôca - e órgãos anexos: lábios, bochechas, arcadas dentárias, língua, palato duro, palato mole e úvula;
- b) fossas nasais - cavidades existentes no maxilar superior, cuja função é servir de caixa de ressonância aos sons nasais;
- c) faringe - abertura situada entre a bôca e a parte superior do esôfago, em continuação da laringe;
- d) laringe - localizada na parte superior da traquéia, onde existe uma estreita abertura de forma triangular, de nome glote, limitada adiante pelas cordas vocais inferiores e atrás pela face interna das cartilagens aritenóideas. É o órgão mais importante na produção do som;
- e) traquéia - extenso tubo, que desce ao longo do pescoço, na frente do esôfago;
- f) brônquios - dois condutos que continuam a traquéia na parte inferior;
- g) pulmões - situados na parte anterior e posterior da caixa torácica, onde o ar penetra, oxigenando o sangue.

DIVISÃO DOS FONEMAS.

Os fonemas dividem-se em: vogais, consoantes e semi-vogais.

Vogais - são os sons musicais produzidos pela vibração da laringe e que passam pela bôca sem produzir ruídos. São, portanto, sempre sonoras.

Consoantes - são ruídos decorrentes do obstáculo oposto pelos órgãos bucais à corrente de ar, sonorizada ou não pela glote

Semi-vogais - são sons mistos que participam da natureza das vogais e das consoantes. São elas: i e u. Na emissão destes 2 fonemas que aparecem sempre seguidos ou precedidos de vogal, constituindo com ela uma só sílaba, nota-se um leve ruído, o que não acontece na pronúncia das vogais. No latim estes dois fonemas funcionavam ora como semi-vogais ou semi-consoantes (i,u), ora como consoantes (j,v).

V O G A I S

As vogais latinas eram em número de dez. Destas, cinco eram longas - ā, ē, ī, ō, ū - e cinco eram breves - ă, ĕ, ĭ, ŏ, ŭ. As primeiras duravam dois (2) tempos em relação às outras.

Classificação das vogais latinas:

- a) quanto ao ponto de articulação (quanto à distância entre a língua e o palato) -
- 1) médio palatal = a
 - 2) pré palatais ou anteriores = e, i
 - 3) post palatais ou posteriores = o, u
- b) quanto ao espaço bucal -
- 1) aberta = a
 - 2) médias = e, o
 - 3) fechadas = i, u

Ditongo - é a combinação de duas vogais na mesma sílaba, das quais a mais fechada é uma semi-vogal. Os ditongos latinos na época clássica eram: ae, oe, au, eu (este último mais raro).

C O N S O A N T E S

Classificação das consoantes latinas: B, C, D, F, G, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, X.

Já vimos que na linguagem o som é produzido pelo aparelho fonador do homem, assim como vimos os órgãos que compõem este maravilhoso instrumento da voz humana.

De acordo com a função de cada um destes órgãos ou combinação de alguns deles, os sons apresentam diferentes particularidades que nos permitem classificá-los de diferentes maneiras.

1) Modo de articulação - a corrente de ar, atravessando a glote, chega à boca, onde pode ser interceptada, no todo ou em parte, pelos órgãos que lhe estão anexos. Esta circunstância determina a classificação das consoantes em:

Oclusivas (interrupção total): P, T, C (quê, kê)

B, D, G (guê, gu)

Constritivas (interrup. parcial): F, S, X, R, L(lh), M, N(nh);

2) Quanto à função das cordas vocais - isto é, quando a emissão do ar faz ou não vibrar as cordas vocais, podemos dividir as consoantes em:

1) Surdas - não há vibração: P, T, C, Q, K, F, S, X;

2) Sonoras - B, D, G (guê), M, N (nh), R (rr), L (lh)

Como podemos constatar, a classificação acima abrange as oclusivas e as constritivas. As constritivas podem ser ainda:

a) Fricativas - F, S, X (quando se dá um modo ininterrupto do ar roçando pelas paredes da fenda bucal estreita - da);

b) Vibrantes - R (simples), RR (múltiplo), que determinam um movimento vibratório característico;

c) Laterais - L (lh), quando pronunciada, a ponta ou dorso da língua apoia-se ao palato e o ar se projeta pelas fendas da boca;

d) Nasais - quando o ar penetra na cavidade nasal pelo abaixamento da úvula: M, N (nh). Quando a úvula levanta, fechando inteiramente a passagem do ar pelo nariz temos os sons orgais.

3) Quanto ao ponto em que são articuladas as consoantes, podemos classificá-las em:

a) bi-labiais: P, B, M

b) lábio-dentais: F

c) dentais: T, D

d) alveolares: S, R (rr), L, N

e) palatais: X

f) velares: C, Q, K, G

.....

Tratamentos especiais dados às consoantes

C, K, G, F e L.

C teve a princípio os sons de K e de quê. O C, o K e o Q parecem ter partilhado de tal maneira na origem que se escrevia: K an-RtC/.

antes de g e de consoante, como em "kaput", "sakros", etc; Q antes de e e i, como em "centum", "citra", etc; Q antes de o e u, como em "qomes", "qura", etc. E, ainda, nas combinações qu, como "quis", "qualis", "quot", etc.

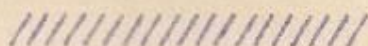
Logo, porém, o uso do Q foi se generalizando, em prejuizo do K e do Qu, ficando o K apenas em abreviações, como K. (kaeso), e o Qu não se conservou além das palavras quis, qualis, quot, aqua, etc.

O valor G, que primitivamente teve o Q deve estar na sua origem, pois foi êle derivado do gama grego. Isto explica as abreviaturas C. (Gaius) e Cn. (Gnaeus).

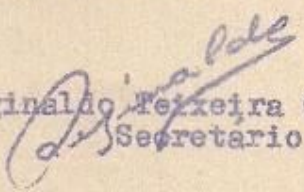
O sinal gráfico G só apareceu no século IV a.C., introduzido pelo censor Apio Cláudio.

O F foi a princípio bi-labial, o que provam as grafias antigas, como "confluent", "im fronte", isto é, um m antes do F, que mais tarde passou a ser usado só antes de P e B. Na época clássica o F passou a lábio dental. Não havia o F medial.

O L tinha dois valores em latim: velar, no final de sílaba ou palavra, antes de a, o e u e outra consoante, menos l; palatal no início e antes de i ou outro l.



A ALIANÇA LIBERAL ACADÊMICA (A.L.A.) espera que, com a sua ajuda, possa fornecer mais e melhores apostilas a todos os colegas da F.F.F.


Reginaldo Teixeira Chalhoub
Secretário